Autor: Marta Catarina Kasznar Feghali

Titulação: mestre e doutoranda

Vínculo institucional: Universidade Veiga de Almeida (UVA) e UFRJ/PEP/COPPE

E-mail: marta@iis.com.br e martafeghali@uva.br

# REFLEXÕES SOBRE O DESIGN ARTESANAL DE MODA NO BRASIL

#### Resumo

As reflexões desenvolvidas neste artigo cobrem aspectos do artesanato em artigos/produtos de moda. Ao mesmo tempo, procura mostrar como a produção artesanal de roupas passou por etapas e processos de automatização que culminaram na confecção seriada do prêt-à-porter e que em pleno século XXI estamos resgatando o valor do trabalho artesanal em design de moda. Sente-se que há um estímulo na troca de conhecimentos entre profissionais de moda e artesãos para conceber e desenvolver produtos diferenciados. Através dessa união de sintonia criadora, antigas técnicas manuais, parte da identidade brasileira, renovam-se em co-participação construindo coleções com alma.

Palavras-chave: moda, artesanato e cultura brasileira.

## THOUGHTS ON FASHION DESIGN HANDICRAFT IN BRAZIL

#### **Abstract**

The thoughts developed in this article covers aspects of handicraft articles / fashion products. At the same time, attempts to show how the production of handmade clothes went through stages and automation processes that culminated in the serial production of ready-to-wear and that in the XXI century we are reinstating the value of craft work in fashion design. There's a feeling that there is a stimulus for the exchange of knowledge between professionals in fashion and artisans to design and develop differentiated products. Through this creative union sintony, ancient manuals techniques, part of Brazilian identity, are renovated in co-participation constructing collections with soul.

### Keywords: fashion, handcraft and brasilian culture.

## 1. INTRODUCÃO

Como conceituar "artesanato" já que esse termo é muito próximo da arte? Se entendermos o artesanato como arte, essa compreensão corresponderá a posicionar num mesmo plano o trabalho artesanal, ao trabalho criativo, unindo-os. Essa estreita ligação entre o conceito do artesanato visto como arte e artesania explica-se por uma ser geradora da outra. A nossa particular posição baseia-se num ensaio relatado por Valladares no livro artesanato brasileiro<sup>1</sup>, no qual se julgam objetos de criatividade artística através de conceitos e critérios pré-estabelecidos. Os quatro pontos

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> VALLARDES PRADO, Clarival do. FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE. Artesanato Brasileiro. Rio de Janeiro, 1978, Introdução.

Marta Kasznar Feghali: Arquiteta e estilista, formada pela UFRJ e pelo Senai-Cetiqt, cursou especialização em varejo pela FGV. Mestre em Ciência da Informação atua como palestrante e consultora nas áreas de MV e Vitrine, Desenvolvimento de Produto e Coleções, Gestão do Design e treinamento de equipes. Coordenadora Geral do curso de Design de Moda UVA–RJ, doutoranda na UFRJ/PEP/COPPE.

fundamentais nos quais nos apoiamos são: o domínio do conhecimento da habilitação do trabalho do artista como artesão, a coerência temática, o teor de originalidade e o compromisso de contemporaneidade.

O primeiro ponto, o domínio do plano artesanal considera-se que no projeto de qualquer artista, haja sempre um processo a ser percorrido que compreende a problemática do artesanato. Sem a iniciativa, sem a habilitação, sem o domínio do fazer, sem o ato de lavorar, o artista não dará cabo às suas idéias, não materializará a sua obra, não realizará e nem concretizará a sua pretensão. Trata-se de querer que o artista preencha a condição de artesão, ou seja, que o artista que se ocupa do território artístico, se comprometa na área da artesania com proposta de criatividade estética. Não há como comparar ou diferenciar entre a profissão e a condição da habilitação do artista e do artesão, a não ser mediante o domínio do fazer, do concretizar e do tornar real.

A "coerência temática" sendo uma qualidade estética é o segundo ponto daqueles fundamentos que consideravam a criatividade como um todo. A lógica guia o artesão que assume no seu trabalho temas que tenham compromisso de coerência. O artesão faz, inventa e trabalha uma linguagem pessoal bastante estruturada e, portanto transmissível.

Fundamento dos outros quatro pontos, o teor de originalidade é muito menos exigido do artesão do que do artista. Em outras palavras, o artesão é descompromissado do teor de originalidade enquanto que o artista precisa ser artesão para o lavor da obra, mas ele é plenamente artista quando ele parte do zero, algo genuinamente novo, a sua própria invenção. Por isso encontramos geralmente referências ao "artista-artesão" e nem sempre o inverso. No que o artesão propõe, no que faz ou pretende fazer, a originalidade não é uma situação constante e repetida: é meramente eventual, portanto, é mais raro encontrar um artesão-artista. Cito o projeto "Talentos do Brasil", do qual faço parte, como exemplo, e no qual as artesãs recebem orientações e sugestões para uma melhoria contínua de seus produtos. O programa comercializou as coleções artesanais na feira "Prêt-à-Porter" em Paris, no ano de 2009.

Daqueles quatro pontos fundamentais, o último ponto essencial refere-se ao compromisso de contemporaneidade. O artesão difere também nesse ponto do artista, pois ele não precisa comprometer-se com a "atualidade" de seu trabalho. Em compensação, o artista deve produzir uma linguagem artística contemporânea, ou seja, a sua manifestação artística deve ser instituída de atualidade.

O artesanato exibe criatividade, na medida em que ele não é apenas um simples ato passivo e repetitivo de produção massificada sem criação. Segundo Valladares, "o artesanato está mais próximo da cultura do que da civilização". <sup>2</sup>

Nosso conceito de cultura e de civilização olha como conhecimento do afetivo e pelo termo de conhecimento útil. O que não sabemos e não conseguimos distinguir no campo artesanal é onde começa a arte, em que momento surge a arte e quando vira artesania?

#### 2. O TRABALHO E A ARTE

A "arte de trabalhar" vai passando de geração em geração, deixando um legado de sabedoria e riqueza documental em diversas formas de expressão artística. Mitos, ritos e hábitos culturais perpetuam-se através do produto trabalhado à mão. Enquanto exercício de modo de ser de cada artesão, a arte de trabalhar permite ao Homem demonstrar suas inúmeras potencialidades. A experiência cultural acumulada é expressa e traduzida de forma artística, em diferentes atividades humanas.

## 2.1 Os primórdios do artesanato

O fazer cultural do homem, ou a associação histórica homem-cultura material pode ser entendida melhor na construção conceitual do *homo* Faber, que destaca o fazer concreto de ferramentas e utensílios e a capacidade de fazer em si, como um dos mais fundamentais fatos da evolução humana. A respeito das sociedades humanas, uma das idéias da relevância e grande atualidade no conhecimento científico é aquela que especula sobre as recíprocas relações que desde sempre se estabelecem entre o meio natural e o homem e que permitem separar e juntar o domínio da natureza e o domínio da cultura. A cultura é construída, manipulada e partilhada, pelos seres humanos, com total exclusividade.

Em verdade, "procura-se compreender a eterna luta do homem para "culturalizar" a natureza e, domesticando-a, colocá-la como aliada, nos seus projetos de vida".<sup>3</sup> Essa luta consiste em "colocar as mãos na massa", na gíria popular, ou seja, botar em prática, através das mãos que desempenham papel decisivo e preponderante, a arte de fabricar instrumentos e utensílios a partir de elementos encontrados na própria natureza.

<sup>3</sup> PEREIRA BORGES, João Baptista. Arte no trabalho. Biblioteca Eucatex de Cultura Brasileira. São Paulo: Prêmio, 1991, p.10.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> VALLARDES PRADO, Clarival do. FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE. Artesanato Brasileiro. Rio de Janeiro, 1978, Introdução, p. 13.

O artesanato - produto da arte de combinar, segundo diversos padrões a natureza e a cultura - é "um fato cultural com significados que transcendem os limites se suas exterioridades materiais". <sup>4</sup>

Embora o artesanato seja a melhor e mais clara expressão da cultura material, não se deve esquecer que é a "engenhosidade humana" que tem a capacidade de produzir e criar um produto artesanal. Quer dizer, devemos olhar para o artesanato como algo que surgiu com a *Métis*. (DETIENNE e VERNANT, 2008). A marca do talento individual está intrínseca e faz parte da *Métis*, pois nem todas as mãos têm a astúcia ou conseguem tecer os fios trabalhados por elas, com a mesma perfeição e maestria, rendendo um tecido esplêndido manufaturado. Esse tecido, mais do que tecido, sintetiza a representação do ser humano, de suas necessidades, do nível cultural alcançado, de seu padrão estético, da habilidade manual, da qualidade produzida, entre outros dados contidos no repertório artesanal.

Os elementos naturais filtrados pelos indivíduos primeiro e pelas culturas a *posteriori* são recriados como "patrimônios" particulares de distintos grupos humanos, em artesanato. Daí deriva o artesanato sendo entendido como um rótulo ou uma convenção do que mentes e mãos privilegiadas realizam e executam entre a natureza e a cultura.

O professor Yves Deforge refere-se no ensaio intitulado *Avatars of Design*. *Design before Design*, a um certo patrimônio da natureza técnica, que os engenheiros europeus dos séculos 16 e 17 legaram à humanidade. Ele fala das catedrais, dos navios e de outros objetos que, segundo ele, precedem o design.

## 2.2 Produção – Indústria – Tecnologia

O motivo de se praticar o artesanato deve-se à necessidade do ser humano de se abrigar, **se vestir** e se alimentar, ou seja, na escala de Maslow, o artesanato ocuparia a base da pirâmide, correspondendo às necessidades primárias e básicas do homem.

O desenvolvimento da produção da riqueza é altamente dependente do progresso industrial. O progresso técnico junto com o aperfeiçoamento da organização intelectual resultou no progresso industrial.

A máquina a vapor, símbolo da primeira Revolução Industrial permitiu variadas aplicações e utilizações, assim como invenções que a ela se seguiram. Entre essas

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> PEREIRA BORGES, João Baptista. Arte no trabalho. Biblioteca Eucatex de Cultura Brasileira. São Paulo: Prêmio, 1991, p.12.

invenções, as máquinas que ajudaram a desenvolver a indústria têxtil, ora na fiação, ora na tecelagem.

A drástica transformação dos meios técnicos de produção tem estreita ligação com a passagem do mundo antigo para o mundo moderno. A intensificação da competição acelerou o desenvolvimento do progresso técnico e promoveu a expansão da indústria no século XIX.

O sistema doméstico foi substituído pelo *sistema industrial*<sup>5</sup>, cujo surgimento só foi possível, por causa do progresso da moderna tecnologia.

O aumento de volume de produção se deve ao desenvolvimento tecnológico e à maquinaria moderna. As três condições que foram necessárias para o aceleramento da industrialização são: a abertura de economias pré-capitalistas, a melhoria de padrões de vida simultaneamente com o crescimento da população.

O homem transferiu para a máquina, a sua habilidade e, mais tarde, o seu pensamento.

Com relação às etapas e processos da mecanização, Giedion aborda primeiro o conceito de movimento que está inserida em toda mecanização. Logo em seguida vem a mão que será irremediavelmente ultrapassada e por fim, a mecanização enquanto fenômeno. O desaparecimento do artesanato complexo marca o início da mecanização em alto grau. O primeiro sintoma da automação é a cadeia de montagem que junta em um só organismo sincronizado, a fábrica por inteiro. (GIEDION, 1990)

Por um lado, a mão é capaz de desenvolver as tarefas mais complexas, mas por outro lado, ela não se adapta na tarefa da automação. Pode-se ensinar a mão, certo grau de automação, mas ela é e sempre será incapaz de repetir sem cessar o mesmo gesto. Ela não consegue executar uma sucessão incessante de movimentos idênticos. Ora, é justamente a repetição sem fim, que caracteriza e impulsiona a mecanização. Exatamente por esse motivo foi se substituindo, pouco a pouco, a produção artesanal pela produção mecânica. A primeira fase da mecanização consiste em transformar os movimentos da mão em uma rotação contínua. A segunda fase diz respeito aos meios ou aos procedimentos a empregar para reproduzir os objetos.

Desde a primeira metade do século XIX, a reprodução efetua-se de diversas formas, ao cortar, unir e fusionar, por exemplo, o que tende à padronização e à

\_

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> CANTANHEDE, Cesar. Administração e Gerência: do artesanato à automação. 2ª ed. – Rio de Janeiro : Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1983, 153 p.

fabricação de peças trocáveis entre si. A introdução das peças intercambiáveis vendidas separadamente e a eliminação da mão-de-obra qualificada coincidem com o começo das cadeias de montagem.

Para exercer a profissão de costureiro era necessário conjugar habilidade manual com talento criador. Levando-se em conta a complexidade do trabalho, o costureiro foi considerado um artesão refinado. Para entender a verdadeira natureza da mecanização da atividade do costureiro é preciso limitar-se ao estudo e a evolução da máquina de costura. Em nenhum outro país, a passagem do artesanato à fabricação mecânica se fez de maneira tão rápida e radical quanto nos Estados Unidos. Essa transição foi apelidada de "ready-to-wear", período no qual a indústria americana ganhou características bem distintas dos demais países, chamando a atenção da França que mais tarde traduziu esse tipo de produção para "prêt-à-porter".

Chamo a atenção ao fato de que o produto vestimenta que está presente nos dias de hoje em tantos guarda-roupas, cabides, manequins e vestindo o Homem em geral, utiliza tradições antigas e modernas. A roupa atual é resultado da combinação de elementos que remontam ao passado com técnicas recentes e tecnologia de ponta.

# 2.4 Artesanato no século passado

Vamos antes de tudo compreender a conceituação de artesão, artífice e artista. A qualificação do artesão chegou aos nossos dias numa situação específica daquele artífice com capacidade artística, de seu processo de trabalho, da qualidade de lavor, podendo competir com a máquina da civilização industrial.

Na indústria do artesanato distinguiam-se as funções, por exemplo, o artesanato das confecções de tecidos e fazendas: a fiação era considerada como um tipo de artesanato, geralmente exercido por mulheres e a tecelagem era um artesanato distinto, a cargo dos homens.

A evolução da indústria do artesanato se deu através da especialização do sistema doméstico que levou ao aparecimento do mercador. O mercador era um empregador que dominava a indústria doméstica e que levava os artesãos a vender seu artesanato dividindo um espaço em comum.

O regime das corporações de ofícios hierarquizava o pessoal por gênero de trabalho em mestres, companheiros e artesãos. O direito de exercer a função era dado somente àqueles que se tornavam membros das corporações e somente aos mestres era

concedido pleno direito sobre o seu cargo. O aprendiz precisava trabalhar antes vários anos como jornaleiro ou companheiro para tornar-se mestre.<sup>6</sup>

O artesanato se distingue dos produtos industrializados pelo alto grau de qualidade que pode alcançar. A máquina é capaz de produzir para o grande consumo, mas o melhor trabalho será encontrado no artesanato. É ainda o artesanato que detém e apresenta a melhor qualidade e é nesse quesito que o artesanato estabelece um nível competitivo mais alto do que a indústria. Então, o artesanato, o feito-a-mão, com toque de qualidade humana acima do produto que a máquina imprime é o resultado qualificado pela mão-de-obra, pela ação direta do homem em elaborar e em manufaturar.

Cada ofício se caracteriza pela qualidade e pelo formato de seus instrumentos. Cada ofício tem um meio específico de trabalho. Cada um desses instrumentos significa a transfiguração da mão-do-homem em um ato de trabalho. No nosso caso: os costureiros, os alfaiates exercem suas atividades com ajuda de fita métrica, réguas e curvas de modelagem, agulha, linha, dedal, tesoura, alfinetes etc.

A superioridade do artesão vem do domínio da mão sobre os seus instrumentos. Portanto a relação do instrumento ao costureiro/criador é muito necessária: é a sua continuidade, a sua expressão. A máquina de costura participa plenamente no *prêt-à-porter*. Na alta-costura, ela é relegada a último plano, tudo é feito manualmente e sob medida.

## 3. CULTURA E ARTESANATO BRASILEIRO

Os artesãos brasileiros produziram seus artefatos por muitos séculos. Essas peças, em geral, atendem a necessidades várias da vida cotidiana. Encontramos no artesanato brasileiro um cunho de sobrevivência e vontade de projetar. O artesão brasileiro submetido freqüentemente à carência produz um artesanato – elemento vital para a sua sobrevivência. Podemos então ir mais longe e dizer que o artesão do Brasil manifesta a idéia do design antes mesmo do surgimento do design. Mas não estamos a escrever sobre qualquer design; para nós e para os artesãos trata-se de um design para a vida.

Refletindo sobre a produção cultural brasileira, na qual as reflexões antropológicas recebem uma atenção especial, detecta-se a eleição ou preferência por certos temas, como se fosse ao mesmo tempo, uma ordem de caráter natural e

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> CANTANHEDE, Cesar. Administração e Gerência: do artesanato à automação. 2ª ed. − Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1983, 153 p.

impositiva. Geralmente a escolha temática recai sobre uma opção convencional que tem por base conceitos ou preconceitos. O artesanato visto e analisado sob o ponto de vista de expressão ergológica, de culturas conceituadas como civilizadas é classificado muitas das vezes de modo depreciativo, como sendo folclore ou um tipo de componente cultural menor do processo civilizatório. O artesanato avaliado como expressão folclórica é quase sempre associado aos seus aspectos lúdicos e prazerosos de vida, ou seja, aquelas atividades humanas não muito sérias, como por exemplo, entretenimento e lazer, e que não têm muito a ver com rotinas humanas produtivas.

### 3.1 Artesanato na moda brasileira

O nicho de cultura brasileira à qual pertence a produção artesanal em suas múltiplas formas é hibrido, produto quase sempre inacabado, pois está sendo constantemente reformulado, a partir da mistura e do intercâmbio entre culturas indígenas, negros e européias. Se por outro lado, o enfoque for o do design/estilo veremos que a moda brasileira inclui muito artesanato nas suas peças de vestuário. Nesse sentido, o artesanato de moda brasileira reflete o forte sincretismo que marca a cultura brasileira. Ainda percebemos também que a moda brasileira movimenta um sistema heterogêneo e complexo, onde se misturam duas dimensões: a cultura erudita daqueles indivíduos que estudaram design de moda ou estilismo nas Universidades e a cultura popular que presta serviço para a primeira bordando, tecendo, pintando, tingindo e acrescentando algum lavor realizado à mão. A moda brasileira do vestuário é geralmente constituída por essas duas culturas (erudita e popular), ambas em constante interação.

O artesanato voltado à confecção de vestuário passa a contrair novos significados materiais e simbólicos quando associado ao trabalho e ao lazer, ao sério e ao lúdico, transitando entre o profano e o sagrado, tomando emprestado temas de rituais da rotina cotidiana e do imaginário popular. O artesanato voltado à moda recupera o seu papel principal: dar um toque "fashion" diferencial e cheio de charme, conferir maior sofisticação, cunhar uma aparência única e exclusiva dificultando a imitação, a cópia e a reprodução massificada da produção industrial e, contudo agregando valor ao produto que sem o detalhe e recurso artesanal tornar-se-ia rapidamente produto alvo de banalização.

No final da década de 90, início do novo milênio, a realização da Semana de Moda no Rio de Janeiro, inaugurou formalmente o movimento pelo resgate da moda carioca. Enquanto, nesse caso, a produção artesanal de moda de cooperativas,

associações e ONGs do Rio de Janeiro e os pólos de moda sob orientação de consultores e estilistas de renome transfigurava-se do nível popular para o plano da cultura erudita "fashion" ou estilo chique depurado, a moda com responsabilidade e solidariedade social traçou um caminho inverso. Desce até as camadas mais pobres, metamorfoseando-se através do trabalho e da costura com a baixa renda. A idéia é de buscar uma alternativa menos seriada, padronizada e pasteurizada.

Uma das artistas mais talentosas e promissoras da moda brasileira: Isabela Capeto associou-se a cinco grupos de profissionais dos estados do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Contudo os bordados, aplicações de fitas e tingimentos manuais, características artesanais nas coleções de Isabela, não imprimiram regionalismo óbvio e nem estilo folclórico, nas suas roupas. Trata-se de uma costura diferente, em que o conhecimento e o desempenho das costureiras casam-se com a criatividade de Isabela, formada na refinada *Accademia di Moda* de Florença, na Itália, em um modelo empresarial que cada vez ganha mais espaço no campo da gestão de moda. Atualmente, a união da estética de Isabela com a preocupação social, usando mão-de-obra artesanal vende em dezesseis países, além de em duas lojas, em São Paulo e Rio de Janeiro, e em outros dez pontos nacionais.<sup>7</sup>

## 3.2 Artesanato coletivo: artesão grupal

A produção de artesanato vinculado à moda caracteriza-se por ser um artesanato coletivo. O artesão trabalha num grupo, numa comunidade. Esse artesão grupal não está necessariamente situado em um nível de coletividade primária, ou especialmente rudimentar. Ele pode ter uma produção de grupo com idéias imitativas dos planos sociais superiores, tendo orientação, formação em cursos como os do SEBRAE. O artesanato coletivo que trabalha para estilistas pode escoar a sua produção por encomendas através de pedidos ou organizar a sua produção para vender diretamente ao consumidor em feiras específicas do setor.

O artesão grupal pode confeccionar só uma parte da roupa, como por exemplo, aplicação de flores manufaturadas em tecido, ou costurar uma peça de vestuário por completo em *patchwork*. Isso significa vender a peça fechada que recebeu algum trabalho artesanal extra. Um bom exemplo de trabalho artesanal muito valorizado na moda é o bordado que geralmente é realizado em algum componente da roupa pronta. A roupa, dessa maneira, ganha valor e apuro estético.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Revista Época Negócios, n.4, junho 2007, Editora Globo, Reportagem: Capitalismo Social / "Ela costura com a baixa renda" – Perfil: Isabela Capeto, p. 134 a 139.

## 3.3 A volta ao produto artesanal

Do ponto de vista brasileiro, o artesanato como condição de trabalho feito-àmão, vai conquistando cada vez mais interesse. No mercado internacional o trabalho manual aplicado à moda, qualifica o que é confeccionado conferindo-lhe uma situação cultural de modelo diferenciado, transportando-lhe poderes simbólicos de status, poder e sedução.<sup>8</sup>

Vamos citar o exemplo das rendas para confrontar a idéia exposta anteriormente. As rendas são criativas e têm a qualidade de manual, uma qualidade que não pode ser substituída pela renda industrial. Tudo isto se deve à vantagem do padrão manual favorecer a quebra da unidade de padrão que no processo industrial se torna excessivamente monótona, criando a mesmice. Ora, o que se preza na moda é exatamente o novo, o diferente, o original, o exclusivo, o único. Já, o vestuário industrial peca por ser totalmente igual em todas as suas peças, uniformizando a todos com inúmeras cópias. Os processos mecânicos conseguem repetir e reproduzir em larga escala detalhes e ornamentos que o artesanato minucioso e vagaroso não consegue acompanhar e se equiparar. Esse trabalho lento e pormenorizado do artesão, por ser executado manualmente, nunca produzirá um traço, um ponto igual ao outro e nem imensa quantidade quanto a máquina industrial. O "único" é o atributo próprio do artesanato, é justamente o seu toque de atração e de reconhecimento do primor, rigor e custo do trabalho realizado.

O artesanato vem sendo objeto de atenção e apoio por parte de importantes agências governamentais e privadas em todo o mundo e está fortemente valorizado pela economia e pela indústria cultural nestes tempos de vida social globalizada. Exatamente por esse motivo, impõe-se a urgência de adequá-lo aos padrões e gostos dos seus consumidores. Nesse sentido Arantes alerta:

"é preciso responder às exigências de qualidade, de peso e de medidas, de resistência, de fluxo e de volume de produção que são próprias do grande mercado: hoje, a produção artesanal responde a demandas que são geradas e gerenciadas (em termos quantitativos e qualitativos) desde fora da área imediata de controle e influência do artesão. (...) Mas é preciso ter cuidado, a demanda que se coloca para o artesão enquanto criador não é abstrair as suas referências culturais específicas nos termos de um código estético geral, mas ser capaz de comunicá-las a um público – nacional e estrangeiro – que é tão exigente de qualidade quanto ávido pelos sentidos de lugar que a vida social globalizada revalorizou". 9

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> FEGHALI KASZNAR, Marta. A informação de moda: mecanismos de poder, sedução e status na sociedade. Dissertação de mestrado. IBICT/CNPq-ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> ARANTES, Antonio A. professor de Antropologia na Unicamp e Consultor de Políticas culturais. In, mestres-artesãos. Programa de Artesanato e Geração de Renda, Escola de Reeducação do Movimento Ivaldo Bertazzo. São Paulo: SP, 2000, Posfácio: Além da utilidade.

## 4. CONCLUSAO

Imperfeição humana? Defeito na era das máquinas? Não. É quase impossível para o artesão criar duas peças exatamente iguais. Para proteger as peças de cópia, fabricam-se peças do vestuário industrializadas, mas com um trabalho manual incorporando assim, a influência artesanal. É preciso aliar sustentabilidade ao artesanato com lucratividade. Como? O setor artesanal amplia as oportunidades de trabalho e de renda estimulando a prática do associativismo, com um custo de investimento relativamente baixo. O comércio justo seria uma boa saída para o artesanato brasileiro, pois ele promove a inclusão social e remunera justamente os produtores. A Coosturart e Fuxicarte são dois exemplos a serem seguidos.

Tirar o artesão da informalidade está na ordem-do-dia para vários programas hoje desenvolvidos no Brasil. O potencial de exportação é enorme, programas e ações por todo país já cadastraram 450 entidades brasileiras de produtores de artesanato. <sup>10</sup>

É importante manter a arte, a cultura e ter também uma visão comercial. Aos poucos, o artesanato brasileiro vai se tornando uma atividade profissionalizada integrada à economia e geradora de riqueza, emprego e renda. O artesanato brasileiro movimenta cerca de R\$ 28 bilhões, representando 3% do PIB, com 9 milhões de pessoas envolvidas. 11

Ganham os artesão e suas famílias e ganha a cadeia produtiva local. Gera renda / emprego para pessoas que não possuem outra formação. Ganha o Estado ma medida em que ajuda no desenvolvimento e cria divisas para o Brasil.

### **5. REFERENCIAS**:

ARANTES, Antonio A. professor de Antropologia na Unicamp e Consultor de Políticas culturais. In, mestres-artesãos. Programa de Artesanato e Geração de Renda, Escola de Reeducação do Movimento Ivaldo Bertazzo. São Paulo: SP, 2000.

CANTANHEDE, Cesar. Administração e Gerência: do artesanato à automação. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1983.

DEFORGE, Yves e CULLARS, John. Avatars of Design: Design before Design. The MIT Press, *Design Issues*, Vol. 6, No. 2, 1990.

DETIENNE, Marcel e VERNANT, Jean-Pierre. Métis. Astúcias da Inteligência. Tradução Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus, 2008.

FEGHALI KASZNAR, Marta. A informação de moda: mecanismos de poder, sedução e status na sociedade. Dissertação de mestrado. IBICT/CNPq-ECO/UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

GIEDION, Sigfried. Mechanization takes command (1948). Trad. Fr. Mécanisation au pouvoir. Paris: CCI – Centre de Création Industrielle, 1980.

PEREIRA BORGES, João Baptista. Arte no trabalho. Biblioteca Eucatex de Cultura Brasileira. São Paulo: Prêmio, 1991.

Revista Época Negócios, n.4, junho 2007, Editora Globo.

Revista Exportar & Gerência. Encarte mensal na revista: Pequenas Empresas Grandes Negócios. Brasília: O Globo, maio de 1999, nº 8.

SIQUEIRA, Carlos Aquiles. Curso on-line de Artesanato. Tudo o que você precisa saber para montar e gerir o seu negócio. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

VALLARDES PRADO, Clarival do. FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTE. Artesanato Brasileiro. Rio de Janeiro, 1978.

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Revista Exportar & Gerência. Brasília: maio de 1999, nº 8, p. 18.

SIQUEIRA, Carlos Aquiles. Curso on-line de Artesanato. Tudo o que você precisa saber para montar e gerir o seu negócio. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p. 7.